15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

Figurinhas: risos violentos? O pensamento crítico a partir das imagens

SOPHIA R. C. DIAS [1], ROSA AMÉLIA BARBOSA[2]

[1] Aluna, Bolsista de iniciação científica PIBIC-EM pelo CNPq, IFSP, Campus Ilha Solteira, c.sophia@aluno.ifsp.edu.br
[2] Docente da Área de Artes Visuais, IFSP, Campus Ilha Solteira, rosa.barbosa@ifsp.edu.br
Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.03.00.00-6 Artes

RESUMO: As figurinhas ou *stickers* são um fenômeno de interpretação e imaginação, podem ser entendidas e criadas da forma que as pessoas bem entenderem. Elas refletem e sintetizam valores, opiniões, expressões, gostos, a construção de sentido decorre da própria visão, interpretação e experiência de mundo que constitui cada ser. A sociedade é carregada de sistemas, valores, significados que marcam a convivência no mundo hodierno como reflexo de marcadores históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Vivemos sob uma cultura de violência, colonizadora e reprodutora de marcadores sociais da diferença com conexões profundas e contínuas naquilo que replicamos, a partir das imagens, pelas figurinhas. Neste escopo, a pesquisa visa compreender e analisar os *stickers* pensando nas dimensões de raça, classe e gênero numa perspectiva interseccional, buscando observar os desdobramentos de violência de maneira crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Figurinhas; Sociedade; Interseccionalidade; Análise interpretativa.

Stickers: violent laughter? Critical thinking from images

ABSTRACT: Stickers are a phenomenon of interpretation and imagination; they can be understood and created in any way people see fit. They reflect and synthesize values, opinions, expressions, and tastes; the construction of meaning arises from the own vision, interpretation, and experience of the world that constitutes each being. Society is loaded with systems, values, and meanings that mark coexistence in today's world as a reflection of historical, social, economic, political, and cultural markers. We live in a culture of violence that colonizes and reproduces social markers of difference with deep and continuous connections in what we replicate, from images, through stickers. In this scope, the research aims to understand and analyze stickers considering the dimensions of race, class, and gender from intersectional perspective, seeking to observe the unfolding of violence in a critical manner.

KEYWORDS: Violence; Stickers; Society; Intersectionality; Interpretative analysis.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa não teve como objetivo construir hipóteses sobre a existência ou não da violência a partir das figurinhas, compartilhadas corriqueiramente pelos aplicativos de interação digital. Partimos da mediação tecnológica como ferramenta para construção de diálogos e do uso das figurinhas como forma de reproduzir, pelos discursos, diferentes formas de violências.

A pesquisa buscou compreender e observar o fenômeno das figurinhas, por meio de investigação conceitual e iconográfica com análise crítica de imagens. Problematizamos, a partir da perspectiva da

pesquisadora Irene Tourinho (2016) os "efeitos da imagem – suas formas de persuadir, iludir, aludir, impactar", compreendemos que as repercussões imagéticas não são meras condições que se escolhe considerar ou abandonar. Elas são parte e constituem o campo da cultura, das redes sociais, dos afetos.

Nessa abordagem, discutir ou refletir sobre imagens a partir da perspectiva das figurinhas é reconhecê-las como produtoras e mediadoras de cultura. "É ainda, reconhecer que as culturas das imagens, nas suas mais diversificadas formas, produzem significados e valores que nos constituem como sujeitos, indivíduos, identidades e subjetividades (Tourinho, 2016, p. 36).

Fizemos o levantamento usufruindo da plataforma *Sticker.ly* para seleção das imagens pelas vias da interseccionalidade, levando em consideração as relações de opressão que interligam raça, gênero e classe social. A análise crítica do conteúdo imagético desdobrou-se em materiais didáticos que tensionam as violências em nosso meio social/tecnológico estimulando não só reconhecer, mas identificar e recriar a cultura de reprodução de violências.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa se consolidou um percurso cartográfico. A estratégia propositiva é apresentar materiais didáticos com base em estudos teóricos e imagéticos que possam mobilizar trabalhos futuros. Passos e Barros (2020) afirmam que esta perspectiva dá abertura para poder operar por deslocamentos, construindo, inventando e reinventando no próprio ato de pesquisar enfatizando a dimensão política do processo investigativo. Simultaneamente desenvolvemos o levantamento teórico/histórico, realizamos exercícios estético/interpretativos e categorizamos as figurinhas acessadas.

A primeira fase, de levantamento bibliográfico, nos aproximou de diferentes conceitos teóricos e iconográficos. Viabilizou análise e leitura de imagens para não só entender o fenômeno das figurinhas, mas compreender a relação direta destas manifestações tecnológicas com a própria sociedade atual. Daí foi possível pensar sobre os enlaces da violência com as figurinhas, as motivações, valores, discursos violentos que motivam a elaboração dessas imagens que carregam agressões gratuitas aos grupos minoritários.

No segundo momento, houve a seleção e coleta de figurinhas, foram categorizadas em relações étnico-raciais, gênero e classe social a partir da plataforma *Sticker.ly*[1]. Para arquivamento e construção de acervo iconográfico foram criadas pastas por categoria no OneDrive. Houve a criação de duas grandes pastas base de imagens estáticas e imagens em movimento (dentro delas os desdobramentos sociais) porém, devido à dificuldade de download das imagens em movimento e impossibilidade de conversão para o formato estático esse grupo de figurinhas foi excluído das análises.

A partir da terceira etapa, foram feitas elaborações de materiais levando em consideração as análises críticas realizadas até o momento. Produzimos documento de indicações de leituras críticas que abordam os temas da pesquisa, as quais foram relevantes não só para o desenvolvimento do estudo, mas também para promoção e criação de senso crítico. Desenvolvimento de apresentações/PDFs que realçam a linha histórica conceitual da pesquisa, permitindo a quem lê criar conexões imagéticas entre o desenrolar da história violenta de colonização e exploração brasileira com os fenômenos tecnológicos hodiernos, compreendendo ser uma linha contínua e sem interrupção. Também foram elaborados materiais mistos (físicos e digitais) de provocações (que estão todos disponíveis no site do campus) com questionamentos que estimulam o público a refletir sobre questões de violência das mais variadas possíveis, ainda englobando questões sociais que são e devem ser enxergadas com interconexões entre si.

Na última etapa passamos à escrita de diferentes materiais que elucidam os resultados da pesquisa desdobra-se na inscrição em eventos e congressos para apresentação da pesquisa e submissão de relatórios e produção de artigo científico para tentativa de publicação em revistas da área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 O Sticker.ly é um editor de fotos inteligente que pode transformar com facilidade as suas fotos em figurinhas. Disponínel em: https://sticker.ly/

Hoje meu amor veio me visitar
E trouxe rosas para me alegrar
E com lágrimas pede pra eu voltar
(Rosas, Atitude Feminina)

As imagens induzem reflexões sobre as relações entre nós e o mundo, ainda que sejam tão corriqueiras e que as leituras feitas sobre elas não sejam recorrentemente críticas. É importante lembrar que imaginário se constrói a partir das imagens. O trecho da música pode ser imaginado, é provável que cada pessoa leitora faça as relações com as experiências que te constituem, ou seja, nosso imaginário e as interpretações que fazemos daquilo que acessamos, parte, antes de tudo do contexto que vivenciamos, das leituras que fazemos.

As imagens podem parecer, para uma pessoa observadora/leitora não muito atenta, como fios soltos de uma trama complexa, a pesquisa oportunizou visitar conceitos que permitem compreender o funcionamento social do ponto de vista do olhar conceitual-estético, do pensamento crítico e reflexivo que estrutura nossas identidades e nossas relações com aquilo que nos rodeia.

A investigação permitiu trabalhar questões contemporâneas referentes às relações entre imagens, cultura, gênero, sexualidade e políticas raciais, pois a imagem também contribui para desconstrução da invisibilidade de segmentos populacionais, para os quais as políticas públicas muitas vezes não garantem reconhecimento das identidades e especificidades culturais. O caráter analítico das imagens, ampliou as possibilidades de leitura e transitou por conhecimentos plurais, numa interlocução multirreferenciada.

FIGURA 1. Figurinha – Violência de gênero. *Sticker.ly*

Nota-se a evidente alusão à violência na figura 1, de maneira que subjuga os corpos femininos a uma condição de inferioridade – mulher que não lava louça, consequentemente apanha – como se esta fosse uma condição per si. Para Conell (2016, p. 17) "o gênero, pode-se dizer, é especificamente uma questão de corporificação social. Tecnicamente, o gênero pode ser definido como a estrutura de práticas reflexivas do corpo por meio das quais corpos sexuais são posicionados na história."

Compreender as discussões de gênero fez-se necessário para aprofundar as análises.

> Em várias partes do mundo, o gênero é representado não apenas como uma ameaça às crianças, à segurança nacional ou ao casamento heterossexual e à família normativa, mas também como uma conspiração das elites para impor seus valores culturais a "pessoas de verdade", um esquema orquestrado nos centros urbanos do Norte Global para colonizar o Sul Global. O gênero é retratado como um conjunto de ideias que se opõe à ciência, à religião ou a ambas, ou ainda como um risco à civilização, uma negação da natureza, um ataque à masculinidade ou o apagamento das diferenças entre os sexos. Às vezes, o gênero também é encarado como uma ameaça totalitária ou como uma obra do demônio, e, dessa forma, disseminado como a força mais destrutiva do mundo,

> um rival contemporâneo e perigoso de Deus, a ser combatido ou destruído a qualquer custo (Butler, 2024, p. 10).

O estudo sobre as camadas de leitura possíveis a partir das imagens, permitiu desnudar as imagens de controle, conceito elaborado pela estadunidense feminista negra Patricia Hill Collins (2019) são a chave para compreender como as violências se reproduzem pelas figurinhas.

> As imagens de controle são utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder. [...] O conceito de imagens de controle se diferencia das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade. [...] As imagens de controle mascaram as contradições das relações sociais. [...] A forma com que esses controles irão operar é que estão articulados a partir da matriz de dominação [...] As imagens de controle são centrais para que os sistemas interconectados de dominação de raça, gênero, sexualidade e classe perpetuam um simbólico estrutural (Bueno, 2020, p. 34-35).

FIGURA 2. Figurinha – Violência de raça. *Sticker.ly*

A figura 2 tenta jogar com as nuances do humor, com as recorrentes brincadeiras de amigos, contudo, sua leitura crítica, escancara a vivência real da dor, de como a branquitude usufrui de privilégios. Apontar para quem denota ser o corpo que faz o que é indevido é o modo de agir da raça branca. É preciso reconhecer que quem nasce negra/o vai passar o resto da vida lutando contra o racismo.

A partir da figurinha é possível refletir, você já parou para pensar que, quando queremos deixar algo limpo, objetivo e bem compreensivo, usamos sempre termos como "claro" ou "esclarecer"? E quando queremos falar que algo é ruim, feio ou mau, usamos termos do tipo "passado negro", "ovelha negra", "mercado negro"? Perceba que assim como no racismo linguístico, o racismo impregnado na imagem associa a pessoa negra ao negativo e reforça que o belo e bom pertence à branquitude – mesmo quando as obviedades dizem o contrário.

O pensamento crítico exige desaprendizagens de muita coisa que construímos ao longo da vida. Para bell hooks (2020, p. 103) é preciso cultivar a imaginação, e isso depende de iniciativa. "O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Pouca atenção é dada a imaginação. Na cultura do dominador, matar a imaginação serve como meio de reprimir e conter todo mundo dentro do status quo".

É a mesma autora quem nos lembra que quanto mais alto uma pessoa sobe na escada do aprendizado mais pedem que se esqueça da imaginação. Reivindicamos, pela pesquisa, a subversão

dessa lógica de colonização das mentes e da imaginação, resgatando o humor necessário como força mediadora para a construção de uma crítica aumenta e ilumina a compreensão do mundo, de um assunto, de um texto. Reconhecemos, como bell hooks que há uma distinção entre uma crítica que busca expandir a consciência e uma crítica dura que ataca ou insulta. A crítica que objetivamos construir é fundada numa ética do amor. "O amor como uma combinação de cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito, confiança. Porque não existe amor sem justiça. O amor como ação política" (2020, p. 239).

FIGURA 3. Figurinha – Violência de raça. *Sticker.ly*

Na figura 3 tem-se a representação de uma disputa, muito presente nos jogos atuais, onde duas pessoas se enfrentam. O confronto está explicitado tanto no conteúdo visual quanto no verbal, categorizando com humanidade apenas o corpo branco. Nota-se que são artefatos de guerra que aparecem na cena. O duelo violento combina violência com preconceitos enraizados que não só reforçam, mas disseminam o racismo.

Deivison Faustino e Walter Lippold pontuam (2023, p. 17) que “a digitalização e dataficação não eliminaram o racismo, mas o reproduziram e, em alguns casos, o expandiram pela gestão algorítmica”. É possível refletir se as ideias de que racismo é “coisa do passado” são realmente verdadeiras, pois algo construído histórica, cultural e socialmente está presente em toda as organizações de sociedade que conhecemos, matizam as estruturas e constituem as formas de poder, por tudo isso, não pode ser descontruído tão facilmente.

A desumanização e diminuição dos corpos negros e minorias ainda continua sendo uma questão que deve ser discutida, uma vez que a onda de tecnologia dá origem a uma nova onda de colonização, o colonialismo digital o qual não pode existir sem o racismo. O esforço de delimitação e articulação dos estudos sobre colonialismo digital e racismo algorítmico resultou na proposta da categoria racialização digital como tendência de materialização e subjetificação do racismo (Faustino, 2023, p. 27)

CONCLUSÕES POSSÍVEIS

Todo o percurso investigativo permitiu aprender a refletir, a expandir a visão de modo que possamos enxergar o contexto por inteiro, e este é um princípio básico da sabedoria prática. Esta nos ajuda a lembrar que ideias não são fixas nem estáticas, que elas são sempre sujeitas à mudança, como ensina hooks (2020).

Negamos o colonialismo digital determinista. Nossa proposta é de uma apropriação e uso crítico da tecnologia a partir das imagens, especialmente pelas figurinhas. De maneira disruptiva, a pesquisa nos permite romper com o modelo convencional de educação, aqui o protagonismo é horizontal. A iniciação científica é carregada de múltiplos sentidos que combinam ciência e arte de maneira relacional a outras áreas de conhecimento, aos conceitos de arte e estimulam o desenvolvimento crítico e epistemológico inspirado pela pesquisa.

Esperemos que a partir da interseccionalidade presente não só nos fenômenos criados recentemente como as figurinhas mas, em todo o espectro violento e social hodierno, seja possível a compreensão crítica da necessidade de rompimento de certos paradigmas. Reivindicamos diferentes formas de expressão nos leve à uma onda de superação das imagens de controle, marcadas pela

naturalização de padrões de opressão vistos como inevitáveis para uma mascaração da violência e potência criativa de outros modos de representar para fazer rir, sem violência. Com respeito.

CONTRIBUIÇÕES DAS AUTORAS

Trabalho conjunto ao longo de toda a pesquisa, construindo materiais de estudo, apresentações/provocações baseadas em figurinhas que representam a pluralidade de corpos. Toda a atuação aconteceu em sincronia, com envolvimento efetivo, concordância com o percurso e autonomia para a realização de cada análise crítica.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pelo subsídio com a bolsa de pesquisa PIBIC-EM. Ao campus por ceder espaços de pesquisa, e ao CIEBP por permitir articular o trabalho da pesquisa com os modos de produção científica de outras pessoas pesquisadoras. Sem o material da coordenação, também disponibilizado para a pesquisa, este trabalho não poderia ser concretizado.

REFERÊNCIAS

hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo, Boitempo, 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Trad. Marília Moschovich. São Paulo: nVersos, 2016

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Cultura das imagens**: desafios para a arte e para a educação. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.